

UMA ANÁLISE JURÍDICA DO LIVRO ‘INCIDENTE EM ANTARES’

A LEGAL ANALYSIS OF THE BOOK “INCIDENTE EM ANTARES”

Eduardo Simões Neto¹

Maria Cecília Máximo Teodoro²

RESUMO

A obra *Incidente em Antares* é dividida em duas partes. Na primeira parte somos apresentados à fictícia cidade de Antares e seus habitantes, que interagem com personagens e situações reais. É dado destaque às famílias Vacariano e Campolargo, inicialmente rivais, mas que assinam um tratado de paz a pedido de Getúlio Vargas. Na segunda parte da obra uma greve impede o sepultamento de sete personagens que se levantam dos seus caixões e expõem na praça pública contradições da comunidade. Mesmo após o término desse incidente os seus efeitos persistem na pequena Antares. Afinal, as idéias e as pessoas haviam mudado – algumas mais, outras menos.

Ao longo do livro são analisadas questões como diferenças sociais, briga por herança, descumprimento de disposições funerárias, pecados capitais e a greve como fator de transformação social. Há ainda temas diretamente ligados à ditadura vigente no período da publicação da obra, como ideais que persistem apesar da tortura, mortos que não foram enterrados e o perigo em se negar a seres humanos dignidade.

Apesar de publicada em 1971, período de grande instabilidade social e política no Brasil em função da vigência de uma ditadura militar, as metáforas e questões retratadas na obra permanecem atuais. Afinal, ainda há entre os vivos uma podridão pior que a putrefação dos mortos.

¹ Advogado, especialista em Direito do Trabalho pela Universidade Gama Filho - CEPAC, mestrando em Direito do Trabalho pela PUC/MG (aprovado em primeiro lugar), pesquisador da CAPES (modalidade de bolsas do PROSUP - Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares), professor do curso de especialização LL. M. de Direito do Trabalho do Ibmec, professor convidado do Curso de Especialização em Direito do Trabalho Ítalo-brasileiro Faculdade de Direito da UFMG e a Università degli Studi di Roma Tor Vergata, professor da Pós-Graduação lato sensu e do Curso de Extensão da FAMINAS/Muriaé, professor universitário (UFMG, Unipac, Ibhes, Unifenas, Facemg). Autor e artigos publicados no Brasil e no exterior.

² Pós-Doutora em Direito do Trabalho pela Universidade de Castilla-La Mancha com bolsa de pesquisa da CAPES; Doutora em Direito do Trabalho e da Seguridade Social pela USP- Universidade de São Paulo; Mestre em Direito do Trabalho pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Graduada em Direito pela PUC/MG; Professora de Direito do Trabalho do Mestrado e da Graduação e membro eleita do Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Direito da PUC/MG; Professora da Faculdade Estácio de Sá; Pesquisadora; Autora de livros e artigos.

PALAVRAS-CHAVE. METÁFORA; GREVE; CONTRADIÇÕES SOCIAIS; TRANSFORMAÇÃO.

RESUME.

The book “Incidente em Antares” - Antares's Incident - is divided into two parts. In the first part we are presented to the fictitious city of Antares and its inhabitants, which interact with real-life people and real-life situations. Main characters revolve around families Vacariano and Campolargo, initially rivals that sign a peace treaty by request of Getúlio Vargas. In the second part of the book a strike prevents the burial of seven characters that rise from their coffins and expose in the city square the contradictions of that community. Even after this incident its effects persist in small city of Antares. After all, ideas and people were changed – some more, other less.

Throughout the book are analyzed issues such as social differences, inheritance, lack of requested funeral arrangements, deadly sins and the strike as a factor of social transformation. There are also issues directly linked to the dictatorship that ruled at the time of publication of the book, like ideals that live on despite of deadly torture, dead people who were not buried and the danger of denying dignity to human beings.

Although published in 1971, a period of great social and political instability in Brazil due to a military dictatorship, metaphors and issues portrayed in the book remain fresh. After all, there is among the living a rotteness worst than the putrefaction of the dead.

KEYWORDS. METAPHOR; STRIKE; SOCIAL CONTRADICTIONS; TRANSFORMATION.

INTRODUÇÃO

A obra “Incidente em Antares”, último trabalho literário de Érico Veríssimo, retrata a pequena e fictícia cidade de Antares, seus habitantes e suas contradições internas.

Apesar de escrita e publicada no ano 1971, em que o Brasil vivia em regime político de ditadura militar, a obra retrata importantes eventos da história política do Brasil analisados sob a ótica dos habitantes da pequena Antares.

Mas além de eventos reais a trama envolve o incidente do título, no qual mortos insepultos dialogam com os vivos, forçando-os a tirar as suas máscaras e enfrentar as mentiras e contradições daquela comunidade.

Da mesma forma que na obra mortos convivem com vivos e personagens fictícios convivem com pessoas reais, no presente artigo a fictícia obra incidente em Antares será analisada à luz da legislação real e da teoria política moderna.

O AUTOR

Érico Veríssimo nasceu em 17 de dezembro de 1905 na cidade de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul.

Trabalhou durante anos como tradutor, mas foi como escritor que entrou para os anais da história brasileira, produzindo obras de grande importância como “O Tempo e o Vento”, “Caminhos Cruzados” e a obra ora analisada, “Incidente em Antares”. O autor promove interessantes intercâmbios entre essas obras³.

Faleceu em 28 de novembro de 1975, com 69 anos de idade.

A OBRA “INCIDENTE EM ANTARES”

O livro “Incidente em Antares” foi publicado em 1971, período de grande instabilidade em função do golpe militar de 1964. Foi em 1971, por exemplo, que o embaixador Suíço Giovanni Enrico Bucher foi seqüestrado e trocado por prisioneiros políticos.

Na primeira parte da obra esses personagens fictícios interagem com personagens e situações reais que marcaram a história política do país, como o suicídio de Getúlio Vargas e a renúncia de Jânio Quadros.

³ A obra “Incidente em Antares” possui ligação com a trilogia “O Tempo e o Vento”, especificamente com a personagem Ana Terra. VERÍSSIMO, Érico. Incidente em Antares. 45ª ed. São Paulo: Globo, 1995. P. 98.

O próprio autor também é mencionado na obra ao longo de uma conversa sobre literatura travada entre os personagens Prof. Martin Francisco Terra e D. Quitéria Campolargo⁴:

– E o nosso Erico Veríssimo?

– Nosso? Pode ser seu, meu não é. Li um romance dele que fala a respeito do Rio Grande de antigamente. O Zózimo, meu falecido marido, costumava dizer que por esse livro se via que o autor não conhece direito a vida campeira, é “bicho de cidade”. Há uns anos o Veríssimo andou por aqui, a convite dos estudantes, e fez uma conferência no teatro. Fui, porque o Zózimo insistiu. Não gostei, mas podia ter sido pior. Quem vê a cara séria desse homem não é capaz de imaginar as sujeiras e despautérios que ele bota nos livros dele.

– A senhora diria que ele também é comunista?

D. Quitéria, que mastigava uma broinha de milho – e mais que nunca parecia um pequinês – ficou pensativa por um instante.

– O Prof. Libindo costuma dizer que, em matéria de política, o Erico Veríssimo é um inocente útil.

No segundo ato uma greve geral impede que sete mortos sejam sepultados. Estes se erguem dos seus caixões e promovem o incidente do título.

O autor brinca com o nome dos personagens, que ora destaca a sua personalidade, ora a ironiza. Temos assim as famílias fazendeiras “Campolargo” e “Vacariano”, o delegado torturador “Sr. Inocêncio”, que comanda a equipe responsável pela morte do idealista “João Paz”, e a prostituta Sra. “Erotildes”.

O PRIMEIRO ATO – A CIDADE E OS SEUS PERSONAGENS

Nessa primeira parte somos apresentados à fictícia cidade de Antares e seus habitantes.

A pequena Antares abriga aproximadamente “vinte e cinco mil almas”⁵, sequer constando nos mapas. Mas, “a despeito da má vontade ou da ignorância dos fazedores de cartas geográficas, (...) lá está, visível e concreta, à margem esquerda do grande rio”⁶, no estado do Rio Grande do Sul.

No seu território habitava a economicamente poderosa família Vacariano. Com a chegada dos Campolargo, igualmente poderosos, se inicia uma “feroz

⁴ VERÍSSIMO, Érico. Incidente em Antares. 45ª ed. São Paulo: Globo, 1995. P. 123.

⁵ VERÍSSIMO. op. cit., p. 140.

⁶ VERÍSSIMO. op. cit., p. 06.

rivalidade”⁷ marcada por torturas e assassinatos. Não há espaço para heróis: as duas famílias são vilãs. Xisto Vacariano, por exemplo, assassina Terézio Campolargo com raro sadismo, conforme descreve a passagem abaixo transcrita:

Xisto mandou reunir na praça os homens da cidade e ordenou que mulheres e crianças ficassem fechadas em suas casas. De mãos amarradas às costas, Terézio foi trazido à sua presença, em meio de grave silêncio. (...)

.....

(...) Xisto mandou amarrar o prisioneiro pelas pernas e pendurá-lo no galho duma árvore, com a cabeça a poucos centímetros do solo. Depois acercou-se de sua vítima, empunhando um grande funil de lata, cujo longo bico lhe enfiou às cegas no ânus.(...)

.....

Xisto murmurou: “Sabes o que vou te fazer, sacripanta? Te incendiar as tripas”.

A uma ordem sua, os dois homens começaram a despejar lentamente no funil todo o conteúdo da chaleira. Terézio Campolargo soltou um urro e começou a estrebuchar⁸.

A resposta dos Campolargo é dada por Benjamim, que promove violenta agressão sexual de Romualdo Vacariano. Senão vejamos:

Romualdo Vacariano foi trazido à presença de Benjamim Campolargo, que exclamou: “Tirem toda a roupa desse sujeitinho!” (...) Agora amarrem ele na mesma árvore onde penduraram o meu irmão. Assim não! Com a barriga contra o tronco, as pernas abertas... Isso!”

Um círculo duns cento e poucos homens formava uma espécie de muro ao redor da árvore. (...) Benjamim chamou um dos seus companheiros, um negro alto e corpulento, e lhe disse:

– Elesbão, você é quem vai fazer o serviço no moço. O preto levou a mão à faca.

Era um exímio degolador.

Benjamim sacudiu negativamente a cabeça.

– Não. O instrumento não é esse, mas o que você tem entre as pernas.

Elesbão não entendeu imediatamente o que o seu comandante queria. Quando compreendeu, murmurou, constrangido:

– Ora, coronel, eu nunca fiz dessas coisas.

– Mas vai fazer agora. E uma ordem.

– Por que logo eu?

– Porque sim.

– Aqui na frente de todo o mundo?

– É exatamente isso que eu quero: testemunhas. Elesbão olhou para o homem nu e depois para o seu comandante:

– Me prenda, coronel, me rebaixe de posto, mas uma coisa dessas eu não faço.

Degolar é diferente...

.....

Quem’ salvou a situação foi um caboclo parrudo e mal-encarado, o Polidoro, contumaz barranqueador de éguas, que se apresentou voluntário para executar a tarefa.

– Está bem – disse o chefe Campolargo. – Está na mesa. Sirva-se.

⁷ VERÍSSIMO. op. cit., p. P. 12.

⁸ VERÍSSIMO. op. cit., p. 16.

Note-se que ambos os violentos crimes são praticados na presença de inúmeras testemunhas, sem qualquer preocupação com eventuais conseqüências legais. A situação ilustra uma excessiva hipertrofia privada, com o poder econômico se impondo perante o poder público.

A violência privada também enfatiza o fracasso do Estado em regular as relações privadas adequadamente, mesmo tendo o monopólio da solução dos conflitos. Indo além, os crimes praticados e a ausência de sanções eficazes deixa marcante o simbolismo da legislação, que existe mas tem pouca efetividade.

Mas, apesar das similaridades entre as famílias, os Campolargo possuem algumas qualidades estranhas aos Vacariano. Anacleto Campolargo, por exemplo, era homem de “algumas letras”, “sinuoso e macio”, respeitava os anciões, sabia “modular o tom da voz de acordo com a sua conveniência e os seus propósitos”⁹.

Em 1924 Getúlio Vargas visita Antares e convence as famílias a abandonar a sua guerra privada em prol do crescimento de Antares. Os patriarcas Xisto Vacariano e Benjamim Campolargo assinam assim um tratado de paz que é publicado nos principais jornais da região. Mas, morrem pouco após a trégua, sendo substituídos na liderança das suas famílias por Cel. Tibério Vacariano e D. Quitéria Campolargo, respectivamente.

Tibério Vacariano é descrito como um homem egoísta, orgulhoso, racista¹⁰, ignorante¹¹, sem fé, “favorável a “regimes autoritários”¹², interesseiro¹³, e que, de acordo com a sua amiga D. Quitéria Campolargo, “viveu metido em negociatas durante o Estado Novo e os outros Estados que se seguiram” e que mantém “duas mulheres, (...) a legítima e a amante.”¹⁴ Enfim: personifica o coronelismo. Uma passagem ilustra essa característica: ao saber da renúncia de Janio Quadros manda a Constituição “pro diabo”¹⁵ e menciona ser a sua arma a verdadeira representante da legalidade.

Parte das características “coronelísticas” do Cel. Tibério é comungada pelos demais personagens da cidade, acomodados, sem o hábito da leitura, preconceituosos e

⁹ VERÍSSIMO. op. cit., p. 12.

¹⁰ Tibério afirma que “(...) Se um dia, por desgraça eu precisar duma transfusão, não quero que me metam nas veias sangue de negro, nem de judeu ou comunista”. VERÍSSIMO. op. cit., p. 73

¹¹ “Que importância pode ter um livro? (...) Andei folheando essa droga. Não entendi nem a metade do que eles escreveram aí... Essas tabelas, esses números, essas palavras arrevesadas são de morte”.

VERÍSSIMO. op. cit., p. 95

¹² VERÍSSIMO. op. cit., p. 34.

¹³ A relação que possui com Getúlio Vargas, só o procurando quando este se encontra no poder, demonstra essa característica.

¹⁴ VERÍSSIMO. op. cit., p. 126.

¹⁵ VERÍSSIMO. op. cit., p. 81.

irritadiços quando contrariados ou confrontados com essas características. Veja a esse respeito a seguinte passagem¹⁶:

- Afirmam esses senhores que o nosso clube é um “reduto fechado” do patriciado rural e da alta burguesia. Chegam a insinuar que somos racistas, que não aceitamos como sócios pessoas de cor nem judeus.
- O que é verdade – replicou Mendes. O prefeito franziu a testa para o seu secretário, censurando-o paternalmente pela sua intervenção infeliz.
- Segue-se um estudo – continuou o presidente do Clube Comercial – sobre o que eles chamam “sementes de racismo”. Não há dúvida: esse tal Prof. Martim Francisco Terra é mesmo um laçao de Moscou. (p. 81)

D. Quitéria Campolargo, por ser casada com Zózimo Campolargo, “um homem sem nenhuma vocação para a liderança”¹⁷, representa a família, inaugura um matriarcado. D. Quita, como é chamada pelos amigos, é inteligente, lúcida, “bem informada sobre política estadual, nacional e internacional”¹⁸, defende a extrema direita, vai à missa, confessa todas as semanas e faz caridades¹⁹. É uma personagem de muitos contrastes: tem voz “autoritária, mas melodiosa”²⁰, gosta de ler, mas critica Jorge Amado por considerá-lo comunista, e, ao falar sobre a morte, lembra que ela já alcançou pessoas melhores que ela, como a Virgem Maria e o conquistador militar Napoleão Bonaparte²¹. A passagem que melhor retrata a personagem ocorre durante sua conversa com o Prof. Martim Francisco Terra, ao longo da qual defende a liberdade de expressão, mas promete calar vozes que expressarem idéias contrárias as suas²².

O SEGUNDO ATO – O INCIDENTE

Se a primeira parte do livro gira em torno das famílias Campolargo e Vacariano, na segunda são representados praticamente todos os setores da sociedade: políticos, delegados, advogados, Poder Judiciário, Ministério Público, padres, torturadores, torturados, lideranças coronelistas, pseudo-intelectuais, anarquistas, corruptos, boêmios, prostituta nova, prostituta velha, etc., formando uma comunidade

¹⁶ VERÍSSIMO. op. cit., p. 81.

¹⁷ VERÍSSIMO. op. cit., p. 29.

¹⁸ VERÍSSIMO. op. cit., p. 122.

¹⁹ VERÍSSIMO. op. cit., p. 74.

²⁰ VERÍSSIMO. op. cit., p. 122.

²¹ VERÍSSIMO. op. cit., p. 74.

²² VERÍSSIMO. op. cit., p. 125/126.

repleta de traições, adultério, aberrações sexuais, sadismo, falso moralismo, violência doméstica, pederastia, desvio de verba e pedofilia.

No início desse segundo ato a pequena Antares vive momento de grande instabilidade social causada por uma greve.

Ocorrem sete mortes: D. Quitéria Campolargo falece de um ataque do coração seguido de enfarto, o advogado Cícero Branco de hemorragia cerebral maciça, o sapateiro José Ruiz “Barcelona” de uma ruptura de aneurisma, João Paz de tortura infligida pelos capangas do delegado Inocêncio Pigarço, Pudim de Cachaça envenenado pela esposa, a prostituta Erotildes de tuberculose e o pianista Prof. Menandro suicida-se cortando os pulsos. Mas “uns quatrocentos”²³ grevistas na porta do cemitério, impediam qualquer sepultamento.

A trama expõe o drama do cortejo de D. Quitéria, que inicia uma acalorada conversa com Geminiano, líder dos grevistas, buscando convencê-lo a permitir o sepultamento. Tibério chegou a avançar sobre Geminiano já com a arma em punho, mas foi desarmado. Após guardar as balas e devolver a arma ao Coronel Tibério, Geminiano afirmou²⁴:

– Guarde essa porcaria, velho bobo! E convença-se de que os tempos mudaram. Antares não é mais propriedade sua. – Voltou-se para o prefeito. – E agora vamos conversar como gente grande. E de igual pra igual. Os senhores já viram que não temos medo de caretas.

O Padre Pedro-Paulo é questionado pelo juiz de Direito Quintiliano do Vale sobre a participação nesse “sacrilégio”, e esclarece que foi contra tal ato, mas que é favorável às reivindicações dos trabalhadores. O fato de o questionamento ter sido feito pelo juiz de Direito da fictícia cidade demonstra que, apesar de a greve já ser um direito constitucionalmente assegurado na época dos eventos, como destaca o autor, não era efetivamente reconhecido pelos juristas. O fato de o padre defender as reivindicações trabalhistas, por sua vez, homenageia a Encíclica Rerum Novarum na qual, em 1891, a Igreja Católica defendia melhores condições de trabalho e condenava os excessos do capitalismo liberal.

Sem outra opção o cortejo deixa o corpo de D. Quitéria na porta do cemitério, junto com os demais.

²³ VERÍSSIMO. op. cit., p. 151.

²⁴ VERÍSSIMO. op. cit., p. 152.

Durante a madrugada os mortos se levantam dos caixões e se unem na luta por um enterro, ainda que, apesar de mortos, estejam em "camarotes separados"²⁵. Esses insepultos, sem sombra, sem reflexo e sem imagem que seja captada por câmera fotográfica, encontram os vivos sem lamentos: a viúva está com o amante e os herdeiros preocupados somente com os bens materiais.

Ao meio-dia os mortos se reúnem no coreto da cidade para pleitear um enterro digno. Caso contrário, ameaçam apodrecer no coreto empestecendo o ar da cidade. Mas a presença dos mortos altera muito mais do que o ar, abalando também o equilíbrio das relações entre os vivos. Afinal, os mortos, sem a possibilidade de punição pelo Poder Judiciário, têm "liberdade de dizer o que realmente"²⁶ pensam. Cícero, por exemplo, expõe as falcatruas da prefeitura e de Tibério sem ter medo de se incriminar ao fazê-lo. Assim, mais do que uma defesa da sua causa, os mortos promovem uma acusação que faz com que a burguesia seja "desmascarada em publico"²⁷.

Os mortos, como a própria expressão da sombra, expõem a sombra dos vivos, trazendo a tona atos e comportamentos reprováveis, antes ocultos.

Durante a presença dos mortos na praça os vivos presentes usam panos embebidos com perfume para suportar o cheiro da putrefação. Mas as máscaras que utilizavam nos dias normais para esconder o mal cheiro da sua real personalidade foram, uma a uma, sendo retiradas pelos mortos: a verdade foi exposta.

O sermão dos mortos mostra que o "cheiro da morte" que emana dos seus fétidos e putrefatos corpos é melhor que o dos pensamentos dos vivos "trapaceiros ordinários"²⁸. Há vivos mais podres que os mortos, pois, apesar do corpo vivo, estão, conforme o autor, podres de alma e de coração²⁹.

O INCIDENTE – METÁFORAS E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

O incidente envolvendo os mortos de Antares não representa um mero espetáculo de terror, contendo uma enorme quantidade de metáforas e uma profunda reflexão sobre a sociedade brasileira.

²⁵ VERÍSSIMO. op. cit., p. 170.

²⁶ VERÍSSIMO. op. cit., p. 238.

²⁷ VERÍSSIMO. op. cit., p. 260.

²⁸ VERÍSSIMO. op. cit., p. 187.

²⁹ VERÍSSIMO. op. cit., p. 192.

Os mortos representam os podres que deveriam estar enterrados, longe da luz. Mas, ao meio dia e no coreto da cidade nos lembram do que não queremos ver, nos mostram nossas sombras. São fantasmas³⁰ que nos assustam, tiram o sono e incomodam.

O personagem João Paz representa os torturados e mortos políticos que jamais tiveram um enterro digno e, em certos casos, desapareceram sem nem mesmo deixar vestígio. O incidente, lembremos, ocorre no ano de 1963, e “o Brasil está em vésperas de acontecimentos muito sérios”³¹, frase que representa clara menção ao golpe militar que ocorreria no ano seguinte.

O trecho em que D. Quitéria encontra os herdeiros preocupados apenas com os bens materiais representa uma metáfora sobre a supervalorização do *ter* sobre o *ser*. O corpo putrefato da personagem é a prova “viva” de que a matéria apodrece. D. Quita conclui que o ouro ficaria melhor no esgoto do que nas mãos dos seus familiares, jogando as suas jóias na privada. Mas o encanamento entope e os herdeiros recuperam praticamente todas as jóias, pensando, inclusive, em formas de recuperar a mais cara. Essa postura demonstra que a atuação dos mortos muda os habitantes da cidade, mas de forma irregular: alguns permanecem praticamente os mesmos. Certos eventos conseguem mostrar que devemos rever os valores, mas não conseguem nos obrigar a fazê-lo.

A fétida presença dos mortos atrai uma enorme quantidade de ratos e conseqüente preocupação com a peste, em uma metáfora com sujeiras e doenças com as quais preferimos não ter contato e, ainda, com uma cidade que, no fundo, era habitada por ratos.

Até mesmo na morte, há um escalonamento social. D. Quitéria Campolargo, por exemplo, recebe de algumas pessoas respeito e consideração que não são concedidos aos demais fantasmas.

Pudim de Cachaça, bêbado que em vida agredia a esposa, se torna um “zombie” que não ataca nenhum dos vivos, limitando-se a pedir clemência para a viúva que assassinara. Representa o arrependimento e a ressurreição dos pecados.

A presença de mortos andando e se comunicando é biologicamente impossível. A obra justifica tal fato lembrando que “no sistema capitalista (...) todos os

³⁰ Afinal o incidente ocorre em uma sexta-feira treze.

³¹ VERÍSSIMO. op. cit., p. 301.

absurdos são possíveis”³². Pensando de forma positiva, a interação entre mortos e vivos, como expressão das possibilidades do sistema capitalista, poderia ser pensada como a chance de trabalhadores e detentores do capital estabelecerem um diálogo a fim de humanizar as relações, enterrar as injustiças, dar dignidade aos trabalhadores, por vezes, mortos de fome.

O evento é explorado como uma forma de levarem mais investimentos para Antares.

Quanto ao povo que ouviu as verdades inconvenientes dos mortos, o Prefeito demonstra pouca preocupação. Afinal, o povo é “monstro com muitas cabeças mas sem miolos. E esse “bicho” tem memória curta”³³. A realidade acaba sendo pasteurizada³⁴.

A GREVE DE ANTARES

A greve é um direito de caráter coletivo, resultante da autonomia privada coletiva inerente às sociedades democráticas. É fruto das liberdades de trabalhar e se associar e sindical, configurando forma de autotutela do direito, ou seja, proteção do direito pelo seu titular por uso da força. Mas, caso haja acordo, torna-se forma de autocomposição. Mas é também um fator social no qual se embatem poder, força, liberdade e autonomia³⁵, capital e trabalho.

A greve geral de Antares traz a manifestação de luta operária e, nas suas conseqüências, os riscos de se negar aos seres humanos os seus direitos mais básicos.

Logo no início do segundo ato o governador do Estado do Rio Grande do Sul explica a Tibério Vacariano que, já na época do incidente, a greve era um direito legitimamente assegurado pela Constituição³⁶. Senão vejamos:

- Precisamos agir sem demora.
- De que jeito? A nossa Constituição reconhece o direito dos trabalhadores à greve.
- Mas isso não é mais uma greve e sim um princípio de revolução, parte duma conspiração política esquerdista para tomar o poder pela força.

³² VERÍSSIMO. op. cit., p. 315.

³³ VERÍSSIMO. op. cit., p. 171.

³⁴ VERÍSSIMO. op. cit., p. 292.

³⁵ DELGADO, Maurício Godinho. Curso de Direito do Trabalho. São Paulo: LTr, 2012, p. 1426 e seguintes.

³⁶ VERÍSSIMO. op. cit., p. 134.

Fez-se uma pausa na conversação, como se a ligação tivesse sido subitamente cortada. De novo, porém, Vacariano ouviu a voz grave que o sono tornava mais espessa:

– Não há nada que meu governo possa fazer dentro da legalidade.

– Pois então faça fora da legalidade.

– Alô? Fale mais alto, coronel.

– Mande a legalidade pro diabo! – vociferou Tibério. – Envie tropas da Brigada Militar para Antares e obrigue esses, mequetrefes a voltarem ao trabalho. O aumento que eles pedem é absurdo. A greve é dos trabalhadores das indústrias locais. Os outros apenas se solidarizaram com eles. Coisas que os chefes do P.T.B. e os comunas meteram na cabeça dos operários.

– Coronel, o senhor esquece que estamos numa democracia.

– Democracia qual nada, governador! O que temos no Brasil é uma merdocracia.

No tocante ao mérito da greve, pode-se afirmar ser justa em função de envolver luta por condições de trabalho que assegure ao trabalhador um mínimo de dignidade. Afinal, pelo menos no que se trata dos três coveiros da cidade, a obra esclarece que “eram homens magros de pele e vestes encardidas, em mangas de camisa e calças remendadas”, estando um descalço e dois com “velhas alpargatas”. E, conforme explicado pelo Padre Pedro-Paulo, viviam com um “salário de fome”, com “famílias numerosas” e “há anos que ganham o mesmo ordenado miserável”³⁷.

A greve tem lugar, portanto, em uma sociedade violenta, agressiva e na qual os direitos dos mais frágeis eram corriqueiramente desrespeitados. Quanto aos direitos dos mais fortes, praticamente não possuíam limites, praticando impunemente assassinatos em público, como fora destacado.

Os grevistas, por sua vez, não buscam diretamente a comoção social ou acabar com a paz na cidade, mas sim pressionar os empresários e triunfar em sua causa, como esclarece Geminiano ao ser questionado pelo juiz de Direito³⁸. Entretanto, o exercício desse mecanismo de autotutela dos direitos acaba tornado-se um importante mecanismo de transformação social.

A greve, enquanto autotela, é importante instrumento que alardeia as dificuldades de negociação entre trabalhadores e empregadores. Demonstra, ainda, a força de um classe. No livro, a greve consegue surtir seus efeitos mais legítimos, quais sejam, pressionar a classe opressora por melhores condições de trabalho, e expor as mazelas desta mesma classe à toda sociedade.

³⁷ VERÍSSIMO. op. cit., p. 151.

³⁸ VERÍSSIMO. op. cit., p. 153.

O mais interessante é notar que a greve é movimento pacífico que visa fomentar a negociação coletiva. Em Antares, todos estavam voltados para seus próprios umbigos, e o incidente fez com que a coletividade passasse a negociar.

Hoje o direito de greve continua assegurado, conforme se extrai do art. 9º da Constituição de 1988, *in verbis*:

Art. 9º É assegurado o direito de greve, competindo aos trabalhadores decidir sobre a oportunidade de exercê-lo e sobre os interesses que devam por meio dele defender.

§ 1º - A lei definirá os serviços ou atividades essenciais e disporá sobre o atendimento das necessidades inadiáveis da comunidade.

§ 2º - Os abusos cometidos sujeitam os responsáveis às penas da lei.

Esse direito é regulamentado pela lei 7.783 de 28 de junho de 1989 que define os serviços funerários como essenciais (art. 10, IV), de modo que, mesmo durante a paralisação, deveria haver equipe de coveiros em atividade para atender às necessidades inadiáveis da comunidade (Art. 11).

Assim, a greve continua sendo um direito por meio do qual os trabalhadores lutam por melhores condições de trabalho, entretanto, a sua forma de exercício é hoje diferente da retratada na obra em comento, de modo que os sete mortos do incidente de Antares teriam, hoje, apesar da greve, um enterro imediato.

OS NOVOS TIBÉRIOS

Tibério representa uma elite econômica que não pretende ser elite intelectual e que acredita estar acima das leis. Mas, se em Antares todos conheciam o Coronel, fora da fictícia cidade os “novos Tibérios” precisam se apresentar, normalmente indagando a quem lhes nega algo se sabem com quem estão falando³⁹. Vivemos, assim, em um mundo repleto de Tibérios.

Eventos como desvios de verbas, golpes, traições e trabalhadores que vivem com um “salário de fome” também não são exclusividade de ficção.

³⁹ A idéia é normalmente apresentada com a famosa e, infelizmente, tradicional pergunta: “você sabe com quem está falando?”

Nesse sentido, destaca Carlos Alberto Chiardelli⁴⁰ que a desigualdade salarial varia de acordo com o grau de desenvolvimento do país, sendo de no máximo 15 vezes nos países desenvolvidos, mas ultrapassando 200 vezes em países subdesenvolvidos. E conclui que esse desajuste não é apenas econômico, pois humilha as pessoas, agride a dignidade e coloniza países. Entretanto, estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) no ano de 2006 demonstra que a diferença entre o menor e o maior salário no Brasil é de pelo menos 1.714,3, podendo ser ainda maior se considerarmos o setor não estruturado do mercado de trabalho. Ou seja: a desigualdade salarial no Brasil ultrapassa em oito vezes a já enorme desigualdade que existe nos países subdesenvolvidos.

Essa enorme disparidade não sobrevive sem que exista uma estratégia política na sua manutenção. Há interesses políticos, sociais e econômicos por trás dessa política de exclusão. Enfim: da mesma forma que os Tibérios da vida real fomentaram esse desnível, lutam pela sua manutenção e, em certos casos, até mesmo pelo seu incremento.

Mas não é só. De acordo com dados do IBGE, citados por Maurício Godinho Delgado⁴¹, em 2001 menos de 30% dos trabalhadores brasileiros recebia a proteção do Direito do Trabalho. Em contraponto, aponta o autor que 80% dos trabalhadores da Alemanha e França gozam de tal proteção, mesmo em contextos históricos de retomada dos ideais liberais.

O trabalhador brasileiro possui, assim, vulnerabilidade superior à do trabalhador francês e alemão, pois, se lá a grande maioria goza da proteção do ramo especializado trabalhista, aqui esse privilégio pertence a uma minoria. Ademais, mesmo o trabalhador brasileiro que goza dessa proteção continua mais fragilizado que o empregado do velho continente em função de uma excessiva desigualdade salarial.

A situação de vulnerabilidade do trabalhador brasileiro é agravada pela sua ausência de resistência. No Brasil, o contrato de trabalho não confere estabilidade aos trabalhadores, que não ajuízam ações trabalhistas no decorrer do contrato de trabalho, pelo temor da perda do emprego.

⁴⁰ CHIARDELLI, Carlos Alberto. Trabalho: do hoje para o amanhã. São Paulo : LTr ; Caxias do Sul, RS : Universidade Caxias do Sul, 2006. P. 31.

⁴¹ DELGADO, Maurício Godinho. Capitalismo, trabalho e emprego: entre o paradigma da destruição e os caminhos da reconstrução. São Paulo: LTr, 2006, p. 134.

Ademais, a Justiça do Trabalho é uma instância ressarcitória, tendo quase nenhuma aptidão de tutelar, por meio de ações individuais, de maneira inibitória, os descumprimentos dos direitos fundamentais sociais do trabalho.

De fato, o trabalhador só aciona o poder judiciário, quando aciona, após finalizada a relação de emprego, premido de necessidades, pressionado pelo desemprego e receoso de ser incluído numa lista de trabalhadores demandantes.

Contra esse quadro preocupante deve haver um desenvolvimento dos direitos trabalhistas, um investimento em efetividade dos mesmos e a educação do cidadão, para que o desenvolvimento sociocultural do empregado lhe permita saber que possui direitos, conhecê-los e, se houver desrespeito aos mesmos, reclamá-los.

A obra continua, assim, atual.

CONCLUSÃO

A pequena cidade de Antares representa o Brasil que existia na época da publicação da obra e que anda existe em muitos dos seus aspectos: muitos dos seus personagens podem ser identificados andando pelas ruas, participando de eventos sociais, atuando em bastidores e ocupando cargos na política, ainda que com outros nomes. Permanece, assim, atual.

Há, tanto no Brasil de hoje como na cidade de Antares, uma enorme disparidade econômica que somente existe em função de interesses políticos, sociais e econômicos que a mantém. Nesse cenário a greve afirmou-se como direito de cunho democrático por meio do qual os trabalhadores exercem pressão sobre a força empresarial no contexto da negociação coletiva de trabalho, buscando conquistar melhores condições de trabalho. Mas também pode gerar importantes transformações sociais.

Os mortos insepultos de Antares representam a verdade que tentamos esconder. Com a sua honestidade se tornam em certos aspectos menos putrefatos que os vivos, sem alma e coração. Embora nem todos consigam entender a mensagem trazida pelos insepultos, que retiraram as máscaras dos vivos, o equilíbrio daquela sociedade havia sido alterado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIARDELLI, Carlos Alberto. Trabalho: do hoje para o amanhã. São Paulo : LTr ; Caxias do Sul, RS : Universidade Caxias do Sul, 2006.

DELGADO, Maurício Godinho. Capitalismo, Trabalho e Emprego. São Paulo: LTr, 2008.

_____. Curso de Direito do Trabalho. São Paulo: LTr, 2012.

VERÍSSIMO, Érico. Incidente em Antares. 45ª ed. São Paulo: Globo, 1995.